

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 30/05/2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

**A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS
CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto
III de *Punica***



Araraquara
2016

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

**A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS
CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto III
de *Punica***

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Câmpus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Fomento: CAPES

Araraquara
2016

Moraes, Débora C.

A desconstrução nos Estudos Clássicos: uma proposta de leitura do Canto III de Punica / Débora C. Moraes -
2016 123 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) -
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

1. Crítica tradutória. 2. Desconstrução. 3. Recepção de literatura latina. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto III de *Punica*

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/ 05/ 2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno V.G. Vieira

UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Prof^a Dr^a Zelina M. P. Beato

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/ BA)

Membro Titular: Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila

USP/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Nesta dissertação, dentro da jornada maior do espírito humano que todos nós compartilhamos, uma importante meta pessoal foi alcançada. Na minha trajetória acadêmica tive contato com pessoas que me marcaram para sempre, sem as quais este projeto não se realizaria, direta ou indiretamente.

Assim, impossível de expressar a grandiosidade que representaram, dedico a vocês meus sinceros agradecimentos.

À minha mãe, que em nenhum momento questionou a viabilidade dos meus sonhos, apoiando-me sempre, ainda que a distância.

A Adilson, pela amizade fraterna nos tempos de crise, pelos desabafos, pela paciência e pelo que, muitas vezes, está além da nossa compreensão limitada. Obrigada por ser um pai admirável, auxiliando nos cuidados com o Iago durante todo percurso e por não ter me deixado desistir.

À minha família, pela compreensão da ausência e pela preocupação constante.

Ao meu orientador, professor Brunno V.G. Vieira, por ser um mestre em sentido pleno, que exerce o conhecimento, acompanhado de sua mais bela virtude: a humildade, em um universo, algumas vezes, sabidamente hostil, o que o torna verdadeiramente sábio e digno de inestimável admiração. Obrigada pelas —provocações! intelectuais, pelo incentivo à autonomia de pensamento, pelo respeito com que trata a todos igualmente e pelo dom de despertar em nós o desejo de ousarmos conhecer nossas próprias capacidades e de questionarmos de forma consciente a tradição que nos cerca, pela compreensão nos momentos difíceis e por não ter me permitido desistir.

Às companheiras latinistas de 2008 até o momento presente: Thalita, pelos diálogos figurativos; Mariana pelo apoio constante nos últimos tempos; Lívia, pelo exemplo de serenidade e competência e Cíntia, amiga de todos os momentos, meu modelo acadêmico de dedicação e excelência. Obrigada, Cíntia, por também não ter me deixado desistir e por praticar também a valiosa lição de que conhecimento e humildade devem ser parceiros inseparáveis aos olhos dos alunos que passarão por nós. A todas, pelos nossos congressos e momentos de descontração.

A todo o corpo docente do curso de Letras, pelas aulas que inspiraram e pelas que instigaram indagações acerca do *status quo* tanto na conduta profissional quanto nas teorias vigentes na academia.

Um agradecimento especial aos membros das bancas de qualificação e defesa pelas leituras atentas e sugestões valiosas para o amadurecimento deste trabalho.

Aos alunos da área de Estudos Clássicos da FCL-Ar, por serem dedicados,
competentes e solidários em todas as ocasiões.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma visão das discussões modernas sobre tradução, problematizar as visões preconceituosas que cercam o trabalho tradutório ao demonstrar seu caráter de experiência e reflexão. Com esse pressuposto e partindo da influência da desconstrução — termo cunhado por Jacques Derrida — pretendemos aqui lançar um novo olhar para a crítica da linguagem literária, no caso, traduções literárias de obras da antiguidade latina. Com isso, a metalinguagem crítica por nós pretendida se inicia no pensamento instaurado de forma sistematizada por Derrida sobre a questão do

—logocentrismo ocidental ou —a metafísica da presença. A partir dessa abordagem, pouco aplicada aos textos antigos, discutiremos nesse trabalho algumas questões relativas às traduções de tais obras. Esta pesquisa se filia, assim, à corrente teórica que percorreu e influenciou todas as áreas das ciências humanas: a crítica da visão logocêntrica e positivista na leitura do mundo, cujo expoente foi o filósofo francês, influenciado pelos escritos de Nietzsche e Freud, que questionaram anteriormente o valor imutável da razão, edificada sobre o poder do *logos* ou discurso, como detentora de verdades estáveis. Desse modo, a significação — ou, como a tradição especula, o sentido — agora é revista, por ser lançada no tempo, é propagada num movimento que não cessa, está sempre passível de (re)leituras. No âmbito desta pesquisa, nos apropriamos do debate de Derrida para repensar as verdades tradicionais da prática tradutória e refletir as propostas da visão desconstrutivista nos Estudos Clássicos, propondo uma tradução do Canto III, de *Punica*, do poeta latino Sílio Itálico (26-102 d.C.).

Palavras-chave: Crítica Tradutória. Desconstrução. Recepção da literatura latina.

ABSTRACT

This research intends to present a vision of modern discussions about translation, question the prejudiced views surrounding the translation work to demonstrate your character experience and reflection. With this assumption and based on the influence of deconstruction - a term devised by Jacques Derrida — here we intend to launch a new perspective at the critique of literary language, in this case, literary translations of Latin antiquity works. Thus, the critical metalanguage for us desired begins on established thinking in a systematic way by Derrida on the issue of "Western logocentrism" or "the metaphysics of presence." From this approach, little applied to ancient texts, we will discuss this work some issues relating to translations of such works. This research joins thus the theoretical current that ran through and influenced all areas of human sciences: the critique of logocentric and positivist view in reading the world, whose exponent was the French philosopher, influenced by the writings of Nietzsche and Freud, who questioned previously the unchanging value of reason, founded on the power of *logos* or speech, as the holder of stable truths. Thus, the significance, or, as speculated tradition, the sense, is now reviewed, it is released in time, is propagated in a movement that never ceases, is always open to (re) readings. Within this research, we appropriate the Derrida's debate to rethink the traditional truths of translation practice and reflect the proposals of the deconstructionist vision in Classical Studies, proposing a translation of Canto III of *Punica*, written by Latin poet Silius Italicus (26-102 AD).

Keywords: Critical translational. Deconstruction. Reception of Latin literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A DESCONSTRUÇÃO COMO PROPOSTA DE ABORDAGEM	13
1.1 Pressupostos derridianos.	
1.2 Redimensionando o lugar da tradução.	18
1.3 A questão do sentido.	26
2. O TRADUTOR E AS (RE)TRADUÇÕES	35
2.1 A(s) gênese(s) do(s) original(is).	
2.2 Apelo à “pervivência” da escritura.	42
3. PUNICA, DE SÍLIO ITÁLICO: CONTEXTO, TEXTO E TRADUÇÃO	46
3.1 A literatura flaviana: breve apresentação.	
3.2 <i>Punica</i>, canto III	51
3.3 Traduzir <i>Punica</i> III: artes e artifícios	56
3.4 Particularidades da tradução apresentada	68
4. PUNICA III: TEXTO LATINO E TRADUÇÃO	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO (Índices de assuntos de <i>Punica</i>, por Everton Natividade)	122

INTRODUÇÃO

A presente dissertação originou-se de duas investigações desenvolvidas na Iniciação Científica (“José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no século XIX: Tradução de *Tiestes*, de Sêneca” e “José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no século XIX: versões da *Farsália*, de Lucano”) que ofereceram estudos de história da tradução e recepção da literatura greco-romana em língua portuguesa com o objetivo de formar material para crítica reflexiva sobre tradução, bem como de divulgar versões literárias de textos latinos. Aquelas pesquisas abordaram textos já traduzidos, com o intento de verificar quais os procedimentos tradutórios tinham sido utilizados por certo autor/tradutor.

No decorrer daqueles primeiros exercícios de crítica de tradução, tomamos conhecimento de novas correntes teóricas que propiciaram o surgimento deste trabalho, cujo objetivo é oferecer uma tradução de um canto de *Punica* de Sílio Itálico. Tendo desenvolvido esse conhecimento prévio de crítica de traduções realizadas em contexto luso-brasileiro nos trabalhos de iniciação científica, tivemos, nesse espaço de tempo e de pesquisa, nas muitas leituras realizadas, contato com pontos essenciais tradicionalmente aceitos que consideramos ser necessário rever. Com esse pressuposto e partindo da influência da desconstrução — não um conceito, mas um modo de leitura, terno cunhado por Jacques Derrida —, pretendemos aqui lançar um novo olhar para a crítica da linguagem literária, no caso, traduções literárias de obras da Antiguidade latina. Partindo do pressuposto de que a leitura é um movimento de abertura, a metalinguagem crítica por nós pretendida se inicia no pensamento instaurado de forma sistematizada por Jacques Derrida sobre a questão do “logocentrismo ocidental” ou “a metafísica da presença”.

A partir dessa abordagem, pouco aplicada aos textos antigos, o que aponta uma das possíveis contribuições deste trabalho, discutiremos algumas questões relativas às traduções de tais textos e proporemos uma tradução de um canto da epopeia *Punica* de Sílio Itálico.

Pretendemos, assim, integrar Sílio Itálico (26 -102 d.C) ao cenário atual das traduções de textos latinos em português ao traduzir o canto III da obra épica *Punica*, em que é descrita a Segunda Guerra Púnica, maior embate entre Cartago e Roma. Embora possamos verificar a importância da obra de Sílio, principalmente na crítica em língua inglesa, há relativamente poucos trabalhos sobre esse autor e obra em português.

Esse poeta latino que, ao lado de Lucano, foi um dos últimos escritores de poemas épicos nacionais romanos, é um dos autores que estão sendo reavaliados contemporaneamente. O poeta viveu na dinastia Flávia (69-96 d.C) e produziu sua grande obra, *Punica*, na maturidade. Teve em Tito Lívio o material histórico para sua epopeia. Estilisticamente, esse período conheceu uma volta aos moldes clássicos de Homero e Virgílio — grandes modelos para os autores posteriores a eles — e utilizou-se da herança helenística, tanto que Albrecht afirma ser um momento marcado por um “classicismo moderado” (1999, p.832). Os poemas épicos escritos em tal época oferecem, sem dúvida, rico material para ser resgatado do esquecimento a que foi relegado pela crítica em língua portuguesa.

Filinto Elísio, pseudônimo do padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), traduziu quatro dos 17 cantos dessa que foi a mais extensa épica latina legada a nós. Depois de estudar os cantos traduzidos por ele e de ler a obra na íntegra, nos decidimos pelo terceiro canto. Esta escolha guiou-se pela condensação dos *tópoi* épicos que ele abriga e pela sua relevância na obra já que ali é narrada a travessia de Aníbal pelos Alpes, fato histórico deveras conhecido. Sílio vale-se de retomadas de autores e cenas tradicionais das grandes epopeias anteriores a ele. O que evidentemente proporciona inúmeros comentários sobre as relações de Sílio Itálico com esses seus antecessores. Neste canto temos, por exemplo, a despedida dos esposos que ocorre com frequência nas narrativas heroicas (Heitor e Andrômaca, na *Ilíada*; Eneias e Creúza, na *Eneida*; Pompeu e Márcia na *Farsália*); encontramos ainda marcas do estilo ovidiano na digressão que conta a história da ninfa Pirene que deu nome aos Pirineus dentro de um catálogo de tropas, elemento convencional do gênero épico; além de uma consulta oracular e uma conversa entre Júpiter e Juno, nos moldes da *Eneida* e *Ilíada*. Não menos importante a respeito da inserção da obra na tradição literária, convém citar a contemporaneidade de Sílio Itálico com o expoente da épica de tema histórico na Roma antiga, Lucano, autor da *Farsália*.

Isso posto, iniciamos nosso percurso reflexivo e tradutório revendo os pontos essenciais em que a desconstrução colabora para a revisão dos conceitos tradicionalmente aceitos na tarefa tradutória.

No primeiro capítulo, apresentamos como a desconstrução, termo cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida, colocou diante de nós novas perspectivas de interpretação da cultura ocidental construída e mantida pelo valor, até então pouco questionado, da pretensão da verdade através do *logos*. Discutimos como a escrita, a

leitura, o significado e o sentido dos textos e da realidade estão conectados com a leitura subjetiva que o indivíduo faz do mundo em que está inserido. E, notando a ausência dessas reflexões na área dos Estudos Clássicos, procuramos propô-las no presente estudo que se debruça sobre o fenômeno tradução, refletindo sobre a configuração do sentido nesse contexto que traz mais interrogações que respostas pré-determinadas.

Em seguida, refletimos sobre o tradutor como o reponsável pela gênese do original, observando que o original é derivado da tradução, existe em relação a ela. Nesse momento, os papéis do tradutor e das traduções no contexto literário também são colocados em discussão. Mostramos que a tradução, para nós, não é secundária, e sim o meio de pervivência da obra.

No terceiro capítulo, são tecidos comentários ao período flaviano e a inserção de *Punica* na produção literária que se desenvolveu naquela época.

Na quarta parte uma introdução à tradução aqui apresentada e, em seguida, n na quinta, o texto latino seguido de tradução.

Por fim, trazemos as conclusões desta pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso procurou apresentar como estão ocorrendo as mudanças nos paradigmas dogmáticos vigentes na tarefa tradutória.

A área dos Estudos Clássicos no Brasil ainda não fez a revisão necessária dos textos (literários e teóricos), autores e temas vigentes em nossa tradição. Esse foi um ponto norteador em toda a nossa busca por material teórico que formulasse uma defesa da evidente transformação que aos poucos se instaura em nossos estudos e pesquisas. Partimos da desconstrução de Derrida; passamos por Berman que defende a manutenção da estrangeiridade; por Benjamin, com a língua da Poesia que se altera e ressignifica a todo tempo; e, no cenário brasileiro, por Haroldo de Campos que teorizou e praticou a transcrição como original, um trabalho de recepção e crítica.

A revisão de nossas práticas tradutórias insere-se ela mesma em olhar nossa formação literária com olhos atentos à influência dos textos recepcionados em língua portuguesa, ou seja, não relegar a segundo plano a importância e influência das obras traduzidas da cultura clássica entre nós. Ainda neste quesito, a tradução de novas obras faz-se necessária para que nossa recepção não se torne circular, advém de tal premissa nossa busca por uma era não muito estudada e/ou traduzida. Por outro lado, tivemos contato com a tradução de Filinto Elísio para os quatro primeiros cantos de *Punica*, feito inovador para o século XIX em língua portuguesa.

No entanto, estamos cientes que nossa reconfiguração em práticas tradutórias é um trabalho em andamento, sendo imprescindível sermos éticos e não excludentes. As mudanças ora incorporam-se à tradição, ora a arejam. Não há verdade definitiva em nosso meio. Quaisquer posturas no sentido de vigilância de teorias últimas são, no mínimo, ingênuas.

Ficou evidente para nós que a ciência da linguagem é um eterno refazer a si mesma. A literatura é um objeto inapreensível e não pode ser medida em cálculos ou resultados pré-determinados. A experiência literária é sempre inédita, está em constante transformação. Assim, a tradução primeira cria um original e abre o espaço e o ensejo de novas traduções, sempre também outro original. O movimento é de alternância, no qual cada novo texto, dá relevo a um aspecto da obra, ou a vários, enriquecendo as leituras já feitas e as a fazer.

A tradução aqui apresentada mostra a experiência que pretendemos instaurar em nosso trabalho baseados no texto “A moeda concreta da fala” que discutimos na

introdução à tradução. Nosso objetivo foi desestabilizar o hábito usual de complementar a língua latina com complementos que ela não possuía, automaticamente substituímos os casos do latim pelas conjunções e climatização do idioma antigo ao nosso. Nesse ponto da pesquisa o que consideramos estável é um texto que não cause estranhamentos consideráveis para um leitor médio, ou que tenha alguma familiaridade com um texto épico. Pretendemos ainda aprofundar a discussão sobre a estabilidade ao lado da já consagrada equivalência na nossa tradição tradutória. Por este motivo, indicamos os duzentos primeiros versos em contraste com a visão do restante do Canto, que se encontra na versão portadora do que chamamos “estabilidade”, ou seja, sem estranhamentos muito evidentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, M.Von. Revised by G.Schmeling. **A History of Roman Literature From Livius Andronicus to Boethius** (Mnemosyne, Supplements/ Book 165), Leiben; New York, Köln: Brill, v.2, 1997.
- ALBRECHT, M.von. **Historia de la literatura romana**. Versão castelhana por Dulce Estefânia e Andrés Pociña Pérez. Barcelona: Herder,1999, v. 02.
- ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. In: **Tradução, desconstrução, psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.71-89.
- ARROJO, R. (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução a leitura e o ensino**. Campinas, SP: 2ª ed., Pontes, 2003.
- AUGOUSTAKIS, A. (Org.) **Flavian Poetry and Its Greek Past** (Mnemosyne Supplements/ Book 366). Leiden; Boston: Brill, 2014.
- BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Trad. de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: **Clássicos da teoria da tradução**. Org. Werner Heidermann. 2ª Ed., Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2011, p.202-229.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- _____. A tradução em manifesto. In: **A prova do estrangeiro**. Trad. M. E. P. Chanut. Bauru (SP): EDUSC, 2002. p. 11-25.
- CAMPOS, A. A moeda concreta da fala. In: _____; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, H. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989, p.59.
- _____. Odorico Mendes: o patriarca da transcrição. In: HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica/ EDUSP, 1992. pp. 11-14.

_____. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.31-48.

_____. Tradução e reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfigidor. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 47-62.

_____. *A língua pura* na teoria da tradução de Walter Benjamin. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 107-121.

_____. Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 123-131.

CLARK, J. **A History of Epic Poetry (Post-Virgilian): [1900]**. Nova Iorque: Cornell University Library, pp. 131-140, 2009.

CONTE, G. B. **Latin literature: a history**. Translated by Joseph B. Solodow; revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore; London: Johns Hopkins University Press, 1999.

DERRIDA, J. Força e significação. In: **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

_____. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

DIETRICH, J. “Silius”. *The Classical Review*. v. 61 n°2. Cambridge Journals Online. Disponível em <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8365464>, acesso em 23/08/2011.

ELÍSIO, F. **Obras completas**. Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa. Edição de Fernando Moreira. Braga: APPACDM, 1998-1999, XII volumes, tomo 1.

FALEIROS, A. A crítica da retradução poética. **Itinerários**. Araraquara: jan./jun. 2008, v 28, p. 145-158.

FURLAN, M. Retraduzir é preciso. In: **Scientia Traductiones**. UFSC, Florianópolis, SC. n°13, 2013, p. 284-294. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276/25172>, acesso em 15/01/2014.

GAMBIER, Y. La retraduction, retour et détour . In: **Meta: journal des traducteurs**. v. 39, n°3, 1994, p.413-417. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1994/v39/n3/002799ar.html?vue=resume>, acesso em 10/08/2011.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

ITALICUS, S. **La guerre punique**. Trad. Pierre Miniconi e Georges Devallet. Paris: Les Belles Lettres, 2003, livros I-IV, tomo 1.

_____. **Punica**. Trad. J.D. Duff. . London: The Loeb Classical Library, 1961, v. 1.

ITÁLICO, S. **La guerra púnica**. Edición de Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.

_____. Linguística e poética. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 118-162.

LIMA, L. R. “Desconstruindo a linguística Estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida”. **Literatura, Crítica, Teorias**. Salvador, v. 1, n.1, p. 1-15, 2005.

LUCANO. **Farsália. Cantos de I a V**. Intr., trad. e notas Brunno V.G. Vieira. Campinas, SP: Ed.Unicamp, 2011.

MARTINS, M.A.P. As relações nada perigosas entre História, Filosofia e Tradução. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v.1, n.1,p. 37-51, jan.1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5069>. Acesso em 12/04/2015.

NATIVIDADE, E. S. Aníbal: o guerreiro cartaginês e as *Púnicas* de Sílio Itálico. In: **Projeto História**, São Paulo, n° 30, p. 57-69, jun. 2005.

_____. A Tisífone de Sílio Itálico: **Púnicas** 2.526-52. In: **Classica (Brasil)**, n°1/ 2, 2010. Disponível em: <http://revista.classica.org.br/index.php/classica/article/view/161/150>, acesso em 20/02/2014.

_____. O último pé e a cesura nos versos núnicos e as *Púnicas* de Sílio Itálico. In: **Scientia Traductiones**. UFSC, Florianópolis, SC. n°13, 2013, p. 312-328. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30278/25174>, acesso em: 20/02/2014.

- NETO, J.A. **Falo no Jardim: priapeia grega, priapeia latina**. Tradução do grego e latim, ensaios e notas pelo autor. Campinas, SP: Ed. UNESP, 2006.
- NEWMAN, J.K. “The Latin Epical after Virgil: Ovidius to Statius”. In: **Classical Epic Tradition**. University Wisconsin Press: Madison, 2003.
- OTTONI, P. (Org.) **Tradução: a prática da diferença**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Bocage, introdução e edição de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007.
- PEREIRA, M.H. **Estudos sobre Roma Antiga: A Europa e o legado clássico**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 39-41, 2015.
- PERRONE-MOISÉS, L. Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. **Do positivismo à desconstrução, ideias francesas na América**. Org. Leila Perrone-Moisés, São Paulo: Edusp, 2004. p.213-236.
- PETRÔNIO. **Satíricon**. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PLATÃO. **A República (ou sobre a Justiça. Gênero Político)**. Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª Ed., Belém: EDUFPA, 2000, Livro VII, p. 320-321.
- PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Trad. e notas de Pinharanda Gomes, 6ª ed., Lisboa: Guimarães Editores, 2000, p. 121.
- SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- SELIGMAN-SILVA, M. Tradução como arte de passagem. In: **O local da diferença ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005. cap. V, p.165-234.
- SISCAR, M. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- THAMOS, M. **As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida**. São Paulo: Edusp, 2011.
- VASCONCELLOS, P.S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. In: **Scientia Traductionis**, nº10, 2001. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/151>, acesso em 22/08/2011.
- VENUTI, L. **Escândalos da tradução, por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru (SP): EDUSC, 2002.

VESSEY, D. “Épica Flávia”. In: **Historia de la literatura clásica: literatura latina**(Cambridge University). CLAUSEN, W.; KENNEY, E.(Eds) Versión española de Elena Bombín, Madrid: Ed.Gredos, v. II, pp. 613-651, 1989.

VIEIRA, B. V. G. **FARSÁLIA, de Lucano, cantos I a IV: prefácio, tradução e notas**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

_____. Filinto Elísio, tradutor de Lucano: estudo introdutório, edição crítica e notas de uma versão da *Farsália* (I 1-227). In: **Nuntius Quantius**, UFMG, nº1, junho de 2008.

VIRGILIO. **Bucólicas**. Trad. e comentário Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

_____. **Bucólicas**. Trad. de M. O. Mendes. Ed. anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2008a.

_____. **Eneida brasileira**: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro. Org. P. S. Vasconcellos et al. Trad. M. O. Mendes. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2008b.

_____. **Eneida**. Trad. de J. V. Barreto Feio e J. M. da Costa e Silva. Introdução e edição de P. S. Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.